

58.

## IGREJA DO SALVADOR DE FERVENÇA



Rua de Fervença  
Fervença  
Celorico de Basto



41° 21' 27.73" N  
8° 5' 17.65" O



918 116 488



Sáb. 16h15/18h (inv./  
ver.); dom. 8h



Divino Salvador  
6 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

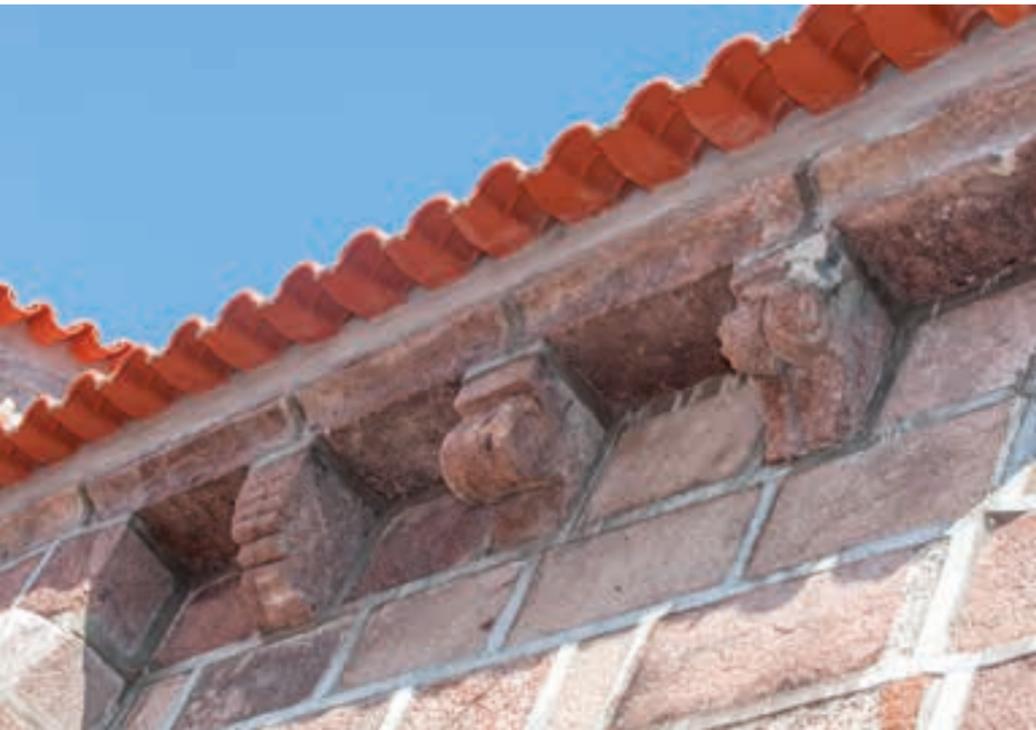
Situada numa encosta do vale do ribeiro de Esporão, em Celorico de Basto, a Igreja de Fervença foi, na época românica, um edifício com uma qualidade plástica fora do comum para a região, conforme nos faz prever a capela-mor que, certamente edificada no segundo quartel do século XIII, ainda subsiste. Do pouco que se sabe da história da freguesia e da sua Igreja paroquial, ressalta desde logo o facto de por terras de Fervença se ter vivido um período de instabilidade na Idade Média, marcado por contendas entre nobres e clérigos e que obrigaram mesmo à intervenção régia. Para esta situação em parte terá contribuído o património considerável que a Igreja paroquial de Fervença encabeçava, conforme nos noticiam as Inquirições régias do século XIII. No século seguinte, a Igreja de Fervença encontrava-se já anexa ao mosteiro das clarissas de Vila do Conde, tendo permanecido no seu padroado pelo menos até finais do século XVIII. Embora a nave da Igreja de Fervença resulte de uma intervenção contemporânea, realizada na década de 1970, pode ser estabelecido um paralelismo com a Igreja de Abragão (Penafiel) (p. 152), pelo facto de em ambas apenas se conservar, da época românica, a cabeceira.



Em Fervença sentimos logo um grande contraste criado pela linguagem contemporânea da nave - particularmente afirmada, no exterior, ao nível da fachada principal do templo e, no interior, pela sua linguagem minimalista - e a cabeceira românica onde sobressaem ornatos de túrgida plasticidade. Nesta abside casaram-se várias influências, umas provindas da escultura praticada nos edifícios construídos nesta época ao longo da margem esquerda do rio Minho, devedores do estaleiro da sé de Tui (Espanha), outras oriundas do românico afirmado no eixo Braga-Rates, estas últimas mais comuns nos testemunhos românicos das bacias do Tâmega e do Douro. Atente-se, então, aos capitéis do arco triunfal, compostos por motivos vegetalistas e fitomórficos

que, além de se aproximarem dos capitéis do mesmo arco da Igreja do Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), denunciam a influência de Tui pelo tratamento túrgido de que foram alvo. Nas suas impostas, as palmetas ditas bracaenses completam o conjunto.

No exterior, os contrafortes laterais denunciam a sua própria função: o reforço e o escoramento dos muros laterais que sustentam a carga da abóbada de berço, já quebrada, da cabeceira. Nos seus alçados laterais, as cornijas são sustentadas por cachorros esculpturados, cuja decoração tem uma acentuada tónica geométrica e entre os quais destacamos um pipo, o motivo dos rolos ou uma composição feita com volutas.





É possível que a reconstrução da nave, na passagem do terceiro para o último quartel do século XX, tenha aproveitado parte da estrutura do primitivo corpo românico. Mas o avivamento das juntas no exterior e o revestimento do interior com estuque branco e painéis azulejares, não nos permitem confirmar esta hipótese.

Destes últimos, destacamos a recriação de uma tipologia característica do século XVII, o azulejo tipo tapete que forma rodapé em toda a nave, e a grande composição relativa à *Ascensão de Cristo* colocada sobre o arco triunfal, uma clara alusão ao orago desta igreja paroquial.

